

Dramática Iberoamericana para la infancia y la juventud N° 131
CELCIT - ATINA - RED IBEROAMERICANA de ASSITEJ

Cicatrizes

Wallace Puosso (Brasil)

Teatro de actrices y actores
Intérpretes: 2 Actrices - 2 Actores
Edad de público sugerida: 10+

PERSONAJES:

NINA
MARI
CARASSUJA
CADU

Preâmbulo

Entra Pedro, com uma maleta. Observa a sala de espera. Senta, olha de tempos em tempos para o mostrador de senha. Depois de um tempo, abre a maleta tira de dentro um por um, alguns objetos. De repente Pedro volta no tempo e se torna criança. Outras crianças entram e fazem uma roda.

CARASSUJA

O que vai ser hoje? *(Olhando em volta)* Acho que o velho não vai passar por aqui... Vamos brincar de alguma coisa...

NINA

Ih... to com preguiça... e com vontade de dormir... Vamos brincar mais tarde!

MARI

Mais tarde eu não posso, Nina! Tenho tarefa pra fazer!

CADU

Vamos brincar de polícia e ladrão?

NINA

Ah não, Cadu! Você sempre quer brincar da mesma coisa. Que chato!

MARI

Já sei, podemos jogar Stop! É super legal!

CARASSUJA

Ah não... Melhor não... você sempre ganha, não tem graça!

NINA

(Séria) Credo! Não fala assim com a Mari!

CADU

Vamos brincar de “O que você quer ser quando crescer”!!!

CARASSUJA

Que brincadeira é essa? Nunca ouvi falar...

CADU

Inventei agora. Senão a gente ia ficar aqui a tarde toda discutindo o que fazer... Vocês são devagar demais!!!

MARI

Olha só quem fala! Você nunca topa as brincadeiras que a gente propõe!!!

NINA

Ah... eu gostei da ideia, Cadu! Eu queria ser patinadora do Carrefour!

CARASSUJA

Como é?

NINA

Ah... pra eu poder andar pelas prateleiras de comida e comer tudo que eu quisesse, sem ninguém ver...

MARI

Ah... isso não é legal... Quer dizer... acho que não é... Não sei. Eu quero continuar estudando!

CADU

Mas... estudante não é profissão, não vale!

MARI

Vou estudar pra ser professora, seu energúmeno.

CARASSUJA

Eu quero ser lixeiro!

NINA e MARI

Ecaaaa!!!!

CARASSUJA

Ué gente, é o maior barato... eles ficam correndo o dia todo, fazendo arremesso de saco de lixo. Maior aventura!!!

NINA

Nossa, Carassuja, não tinha pensado desse jeito... Você adora uma aventura, não?

CADU

Eu vou ser cobrador de ônibus! Porque ele ganha muito dinheiro. Um monte de dinheiro, todo dia. Eu vou ser rico, vocês vão ver...

NINA

Cadu, larga de ser ignorante... Ele é só um funcionário. Quem ganha dinheiro é o dono do ônibus...

NINA

Ah... se você for cobrador, você deixa a gente andar de ônibus de graça?

CARASSUJA

Gente, acho que o velho vem vindo, não sei... espera...

NINA

Ai que eu tô com medo... vocês tem certeza que é uma boa ideia?
Inversão de luz.

I

SALA DE ESPERA, período da manhã. Sons de chuva durante toda a cena.

CATARINA

Porque será que ele chamou a gente aqui depois de tanto tempo?

MARIANA

Quase trinta anos.

CATARINA

Ele ainda se lembra da gente...

PEDRO

E sempre falava de vocês, sabia?

MARIANA

Então você manteve contato com ele.

PEDRO

Quando não estou viajando, costumo dar um pulo na casa dele.

CARLOS

Você ainda mora no mesmo lugar?

PEDRO

Não... comprei uma casa perto de onde era nosso campinho de futebol.

CARLOS

E o campinho, ainda existe?

PEDRO

Que nada. Construíram uma igreja no lugar.

CATARINA

(Para Mariana)

Fiquei sabendo que você tem viajado pra Europa...

MARIANA

Sempre a trabalho. Por conta da minha tese. Estava num congresso em Zurique. Cheguei ontem. *(Pausa)* Ainda se acostumando com o fuso horário.

CATARINA

Eu me formei em publicidade, mas desde que a Vitória nasceu, deixei de trabalhar fora pra cuidar dela.

PEDRO

Doutorado?

MARIANA

É. Ainda falta um ano. Continuando minha pesquisa em Geometria Algébrica.

CARLOS

Então você é professora.

Tempo.

MARIANA

É. Professora.

PEDRO

Eu preciso de um café forte....

MARIANA

Será que tem sinal de wi-fi aqui?

Tempo.

CATARINA

Os médicos disseram alguma coisa?

PEDRO

Mais ou menos ... Ele não está nada bem. Parece que, com a idade avançada, os problemas pioraram. Ele está sereno e lúcido. Pediu pra que entrasse em contato com “as crianças”, queria ver vocês, saber de vocês.

CATARINA

Tenho boas recordações. A praça, o pomar, o campinho de terra...

Inversão de luz. As crianças estão escondidas atrás de um muro e olham para a rua.

NINA

Ai que eu tô com medo... vocês tem certeza que é uma boa ideia?

CARASSUJA

Bom... se é uma boa ideia eu não sei... mas... a gente precisa fazer alguma coisa pra salvar aquelas crianças que ele carrega naquele saco encardido pra cima e pra baixo...

NINA

Ai, Pedro... você é tão corajoso...

CADU

Gente, é sério!!.. a dona Jurema da quitanda falou assim que... que... que é pra gente ficar longe, que é perigoso...

MARI

Você é um cagão, Cadu!

CARASSUJA

Ele tá vindo! Ele tá vindo!!!

MARI

Será que não é melhor a gente... *(Sai discretamente)*

CADU

Onde você vai...

CARASSUJA

(Empolgado)

Vamos lá, pessoal, coragem! Vai ser super legal! Vamos lá! No três! Um... dois... três...

(Carassuja sai correndo os outros ficam)

Inversão de luz. Tempo.

PEDRO

(Para Carlos)

É... os “cagões” da turma, deram no pé e me deixaram lá, sozinho...

CARLOS

Dessa parte eu não lembrava...

MARIANA

Acho que eu tinha tarefa pra fazer e precisei ir pra casa...

(Todos riem)
Sons de trovão. Tempo.

PEDRO
E... você, o que tem feito de bom?

CATARINA
Tenho feito doces, pra vender... Já faz um tempo. Quer dizer, estou tentando me estabelecer, sabe como é...

A campainha das visitas soa. É o número de Catarina.

PEDRO
Diz pra ele que estamos os quatro aqui, conforme ele pediu.

Catarina entra. Tempo.

CARLOS
Então quer dizer que a Nina puxou a mãe... Virou doceira...

PEDRO
Pelo que eu vi no Facebook ela está no ramo de alimentos naturais, orgânicos, essas coisas... *(Tempo)* Eu tive dúvidas se ia mesmo conseguir encontrar vocês, sabiam?

CARLOS
Você se saiu bem...

PEDRO
Você foi o que eu tive mais dificuldade de localizar. Por causa do apelido.

CARLOS
É... Não posso ficar usando meu nome nas redes sociais por causa do meu trabalho. *(Tempo)* Sou investigador de polícia!

PEDRO
Você está de brincadeira, rapaz!

CARLOS
Pois é. Polícia civil. Mais de vinte e cinco anos, acredita?

MARIANA
Eu acredito. Do jeito que você era, só podia virar polícia mesmo...

PEDRO
E você casou?

(Carlos confirma)

PEDRO
Não acredito!

CARLOS

Pois é, nem eu. A Babi me pegou de jeito! Não deu pra escapar!

MARIANA

E você queria escapar?

CARLOS

E quem não quer?! Fiquei sabendo que até o Pedro escapou!!

MARIANA

(Para Carlos)

Vai ver ele não encontrou ninguém “especial” ainda.

CARLOS

Ou está esperando que alguém volte do passado...

MARIANA

(Para Pedro) Sabe o que eu acho?

PEDRO

O que, doutora?

MARIANA

Que a gente só encontra mesmo alguém depois que encontra a gente mesmo.

CARLOS

Opa! Alguém anotou isso?

MARIANA

Mas não é verdade?

PEDRO

É melhor a gente mudar de assunto, né Cadu?

Sons de trovão. Catarina volta. Traz o chapéu do Velho na mão.

CATARINA

Sabe... o Velho mesmo depois de tantos anos...embora ele esteja bem fraco, seus olhos pareciam transbordar vida. Uma coisa difícil de explicar... *(Pausa)* Convidei ele pra uma oração e ele aceitou. Adorou saber que eu tenho uma filha, e quer conhecê-la. Achou uma ótima ideia essa de fazer doces caseiros. Ai ele me disse: - “Fia, você sempre foi um docinho... não amarga não.”

Inversão de luz.

CATARINA

Estava fazendo compota de manga. Era véspera de Natal. Meu ex-marido queria comer doce de qualquer jeito. No fundo, eu já sabia que aquele cachorro tinha. De repente, do nada, ele disse que ia preparar a mala. Disse que só voltaria depois do ano novo e

foi pro quarto. E eu ali fazendo doce pra ele. Nesse instante pulou uma porção de doce fervendo na minha mão. *(Muda)* Vai embora! Pode ir! Já vai tarde!! E outra. Presta atenção: você nunca mais vai ver a Vitória, ouviu? Nunca mais!!! *(Tempo)* E ele não viu mais a menina. *(Tempo)* E eu fiquei com uma queimadura gravíssima que resultou em um buraco profundo.

PEDRO

Espero que você esteja bem.

CATARINA

Tudo bem. Acho que superei com o tempo. *(Tempo. Catarina olha para as costas da mão)*. A gente sempre supera. *(Tempo)* A Vitória ficou com o pai, para eu poder vir hoje aqui!

MARIANA

Que bom, amiga!

Sons de trovão. Tempo.

MARIANA

(Para Pedro)

Tem alguma coisa que a gente possa fazer pelo Velho?
Essa espera está me deixando angustiada...

PEDRO

Estar aqui e esperar é o melhor que a gente pode fazer, Mari!

Sons de trovão. Tempo.

CARLOS

Vocês lembram quando a gente brincava de imaginar aquela pedra mágica no meio da floresta?

PEDRO

Aquilo aconteceu de verdade.

MARIANA

Bom... se era verdade eu não sei... mas você contava aquelas histórias com tanta paixão que todos acreditavam. Quer dizer... eu não acreditava muito...

CARLOS

Mas que parecia real, parecia... A gente tinha quantos anos naquela época? Dez, onze?

PEDRO

Mais ou menos isso. *(Tempo)* Foi depois da história da pedra que a gente passou a admirar o Velho, lembram?

CARLOS

Nunca vi ninguém tão forte e cheio de vida como ele. Impressionante!

MARIANA

Apesar do corpo debilitado, trabalhava muito, não parava um minuto. E ajudava tanta gente naquela época...

CARLOS

E o povo ainda falava dele pelas costas ...

PEDRO

Pois é.

CATARINA

A dona Jurema vivia dizendo que ele era um velho esquisito, tinha problema, ficava botando medo na criançada...

CARLOS

A diversão dela era azucrinar a vida da gente.

PEDRO

O Velho nunca fez mal pra ninguém. Vivia de forma discreta, cuidando dos pomares. Sempre caladão, na dele...

MARIANA

Acho que ele até queria conversar, mas coitado! Estropiado daquele jeito, acabava afastando todo mundo...

Sons de trovão. Tempo.

PEDRO

A gente achava assustadoras aquelas cicatrizes do Velho... Ah... e teve o episódio da bola. Vocês lembram dessa cicatriz? (*Mostra a cicatriz na perna*) Foi daquela vez que eu me meti a pular o muro da casa dele pra pegar a bola do Cadu e acabei ficando cara a cara com o Velho.

Inversão de luz.

II

As crianças estão reunidas e decidindo do que vão brincar.

CARASSUJA

O menino se prepara para jogar bola com os amigos no campinho de terra no final da rua.

MARI

O Velho está sentado na varanda da sua casa e observa.

CATARINA

E eles estão com medo de passar lá em frente.

CARASSUJA

E aí, pessoal, o que a gente faz agora?

CADU

Já sei! Vamos passar correndo, num pinote só, sem olhar pros lados.

CARASSUJA

Boa ideia! Eu vou pegar minha bicicleta!

NINA

Pra quê bicicleta, seu cagão? O campinho fica logo ali.

MARI

Ah... quer saber?!? O último que chegar é mulher do padre!!! *(Muda. Narrando como se fosse uma partida de futebol)* Todos saíram correndo em direção ao campinho. Jogada vai, jogada vem, uma hora, um dos meninos, o Carassuja, chutou a bola bem forte e ela foi parar lá na casa do Velho.

CADU

Ah, não... de novo?

NINA E MARI

Tinha que ser o Carassuja!!!

Ficam espiando de longe.

NINA

Ai meu Deus, eu é que não vou lá. Nem morta!

CADU

Ele já deve ter furado a bola. Minha bola novinha. Você me paga, Carassuja!!

NINA

Ele tá lá feito estátua, com o olhar assim parado, olhando pro nada... *(Pausa)* Tô com medo...

CARASSUJA

Vocês já viram ele de perto?

CADU

Eu já vi ele mais ou menos de perto... Ele tem um corte assim no rosto. E o nariz meio torto. E faltam uns dentes na boca.

MARI

Eu nunca vi.

CARASSUJA

Ah... às vezes ele passa na minha rua, andando curvado e mancando com uma perna. É bem estranho o jeito que ele anda.

NINA

A Dona Jurema disse que ele é esquisito faz tempo, meio bruxo, mexe com essas coisas de feitiçaria, disse até que fez pacto com o demo... aiiii....

CADU

E quando a Dona Jurema fala, é verdade, pode crer!!!

MARI

Minha mãe disse que o povo daqui fala demais. Não é nada disso. Ele é um velho normal, tem aquelas manias que todo velho tem, vocês sabem, mas nada de mais. Só não gosta de conversar com as pessoas. Só isso. Bem... pelo menos foi o que a minha mãe disse.

CADU

Tive uma ideia! Carassuja, fala um número de um a dez.

CARASSUJA

E por que você quer que eu fale um número?

NINA

É pra tirar a sorte Carassuja!

CADU

É... Larga de ser burro!

CARASSUJA

Ah... Se é assim, então tá. Hummmm... seis!

CADU

Você foi o escolhido pra buscar a bola!!

NINA

(Muda)

Os três então empurraram o menino em direção à casa do Velho e saíram correndo. Ficaram espiando de longe pra ver o que acontecia.

CARASSUJA

(Muda)

A bola nunca foi devolvida.

CADU

Sacanagem!!! Ele não vai devolver? E o que eu falo pra minha mãe? O que esse velho vai fazer com a minha bola se ele é manco e não consegue nem andar direito?

MARI

(Muda)

Naquele mesmo dia, mais tarde, Carassuja estava voltando pra casa quando teve a ideia de pegar a bola na casa do Velho. Se encheu de coragem e foi.

CARASSUJA

Quando chegou próximo, reparou que as maçãs do pomar já estavam maduras. Era um pomar que tinha goiaba, fruta-do-conde, laranja, acerola. Mas o que Carassuja gostava mesmo era de maçã. E as maçãs estavam tão vermelhas que o menino ficou até com água na boca. *(Muda)* Acho que o “seu Aderbal” não vai nem reparar se eu pegar duas maçãs. Uma pra mim outra pra mãe... *(Muda)* Certo disso, Carassuja nem precisou tomar coragem, porque ele era a coragem em pessoa, e num piscar de olhos, pulou o

muro. (*Vai caminhando. Para*) Não. Eu acho melhor pegar três maçãs. Uma eu como aqui, outra eu levo pra mãe e outra eu como mais tarde, antes de dormir. (*Vai caminhando. Para*) Bom... acho que vou aproveitar e pegar umas quatro ou cinco pra levar no futebol amanhã. (*Muda*) Com a camiseta cheia de maçãs ele se preparava para ir embora. De repente. O menino ouve um barulho e resolve sair correndo. (*Muda*) Mas estava carregando muitas maçãs e quando tentei pular o muro, desequilibrei, escorreguei e cai de maduro. (*Muda*) As maçãs rolaram todas pelo chão e Carassuja se machucou num prego fincado no muro, arranhando os braços e a perna.

Carassuja está numa roda com os amigos.

CARASSUJA

(Em tom de mistério)

Eu tava ali, deitado com uma dor que parecia zunido na minha cabeça, quando ouvi uns passos vindo na minha direção. Era um passo forte, outro fraco, um forte e outro.

MARI

Espera aí!! Quem anda assim é o...

CADU e NINA

O Velho!!!

MARI

E o que você fez? Conta, conta!

CARASSUJA

Eu também fiz a mesma pergunta. “*E agora, o que é que eu faço?!?*” Não dava pra sair correndo, machucado daquele jeito... então eu apertei os olhos, bem apertado e esperei. Esperei. Esperei.

NINA

Ai que nervos! Conta logo!

CADU

Conta direito essa história senão eu te dou um cascudo!

CARASSUJA

Então, de repente os passos pararam. Abri um olho bem devagar, abri o outro olho, porque eu não tenho medo, vocês sabem, sou só cauteloso. Aí eu vi só os pés e as pernas do Velho.

MARI

E como ele é? Conta!!

CARASSUJA

Ah...não sei... eu não fiquei olhando pra ele.

NINA

Ah... tava com medo né, cagão!!

CARASSUJA

Não é medo não! Eu só tava concentrado estudando as possibilidades de fuga.

CADU

Para de falar besteira, Carassuja!! (*Dá um cascudo nele*)

CARASSUJA

Ei!

MARI

Mas conta como ele é. Tô curiosa! Ele falou alguma coisa?

CARASSUJA

Não disse nada, que coisa!! (*Pausa*) Deu uma ajeitada no chapéu pontudo dele, coçou a barba assim, resmungou alguma coisa e aí eu vi, meio querendo não ver, que ele tem uma marca enorme no rosto. (*Muda*) O menino que era a coragem em pessoa, naquele momento de reconhecimento do desconhecido, prendeu a respiração e se preparou para o pior. (*Tempo*) Mas o que aconteceu é que o Velho, sem dizer nada, agachou perto do menino, examinou os ferimentos e balançou a cabeça. Carassuja viu que o Velho tirou um lenço do bolso. (*Muda*) Ele pegou um lenço meio amarelado, molhou com um líquido misterioso e passou na minha perna e nos braços. Eu juro! Juro! Pela minha mãe que há de morrer seca, sequinha atrás da porta, se eu tiver mentindo! Ele usou aquele líquido que ardia demais, mas olha só (*Mostrando*). Já tá sarando!

MARI

Que estranho... E ele não falou nada, nadinha? Hummmm...

CARASSUJA

Ele me acompanhou até em casa, sem dizer uma palavra, nada, nadinha. No meio do caminho, de vez em quando, eu olhava pra ele assim meio de esgueio, e ele estava com um olhar perdido. Sei não. Esquisito.

CADU

Acho que ele vai fazer feitiçaria pra você lá no fundo da casa dele, você vai ver. Sete anos de azar.

NINA

Minha mãe falou que esse negócio de bruxaria, de magia é coisa de gente ruim. Deus me livre!

MARI

Gente, isso é superstição, coisa de gente que não tem o que fazer. Não é nada disso que vocês estão falando.

CADU

Como você é inteligente, Mari! Impressionante!! (*Provocando Nina*) O que será que deve ter na casa dele? Um caldeirão enorme no meio da sala, umas caveiras penduradas um monte de teia de aranha e atrás da porta aquela vassoura que voa, vassoura de.. de... (*Não sabe dizer o nome*)

MARI

Vassoura de piaçava, seu energúmeno. Nem sabe das coisas... fica aí... dando uma de inteligente, estudado, entendedor dos assuntos.

Mari e Cadu ficam se provocando.

NINA

Sua mãe viu o machucado?

CARASSUJA

Não!! Você tá louca? Se ela souber, eu tô perdido!! Fico no mínimo uma semana sem jogar bola.

MARI

O prego deixou marca na sua perna. Vai demorar pra sair.

CADU

(No impulso)

Antes de casar sara!

Os outros olham pra ele, sem entender. Ele dá de ombros.

CADU

Eu não tenho marca nenhuma, não... Acho que eu sou invencível, assim tipo o Wolverine e.

CARASSUJA

(Cortando)

Ah... eu tenho outra aqui ó *(Indica o lugar)* de quando eu...

CADU

(Cortando)

Tem nada, Carassuja. Vamos embora que já tá tarde. Amanhã a gente se encontra aqui.

Inversão de luz.

III

SALA DE ESPERA, começo de noite. Sons de chuva continuam.

CARLOS

(Rindo)

É gente... eu admito... eu era meio agitado naquela época!

PEDRO

Desde o episódio da bola eu passei a sentir uma ternura pelo Velho, coisa difícil de explicar. Ele sempre me passou confiança, proteção... sabedoria.

CATARINA

Eu entendo você.

Campainha das visitas soa.

MARIANA

É o meu número!! *(Tempo)* Nem sei o que dizer.

PEDRO

Não precisa dizer nada, se não quiser. Ele só quer ver você!

Mariana sai. Tempo.

PEDRO

(Para Catarina)

Fala mais de você. A gente nem teve tempo de.

CATARINA

O que você quer saber? A Vitória está com 10 anos. Esperta, inteligente, já quer ser independente, você acredita? E você? Se casou, teve filho?

PEDRO

Com essa vida corrida que eu levo, não dá tempo de pensar em casamento. E... filho eu não tenho. Tenho um cachorro. Serve?

Os dois riem.

CARLOS

Você falou em “vida corrida”. Está trabalhando com que?

PEDRO

Esportes radicais. Sou fotógrafo. Inclusive...

CARLOS

(Interrompendo)

Eu também faço retratos. De frente e de lado. Com aquela plaqueta, assim, na frente, sabe?

CATARINA

Olha só! Um artista no grupo!

CARLOS

E se ganha dinheiro com isso?! Cheguei a pensar que você seria um poeta, como o Velho.

CATARINA

(Com carinho)

Pedro é um poeta da imagem. É só lembrar das histórias de aventuras que ele contava.

CARLOS

É verdade. O apelido de Carassuja não era à toa. Você vivia se metendo onde não devia. *(Tempo)* Pensando bem, acho que já tinha mesmo um quê de fotógrafo.

CATARINA

(Sorrindo)

O Pedro era o meu contador de histórias favorito!!

PEDRO

Catarina, apesar desse momento, eu estou feliz da gente ter se encontrado.

Sons de trovão. Tempo.

PEDRO

Um dia desses vi seu perfil na internet.

CATARINA

Ahhh... você andou bisbilhotando as minhas fotos, é?

PEDRO

Pra encontrar vocês, eu precisei pesquisar...

CATARINA

Sei. E o que você descobriu?

PEDRO

Vi umas postagens, algumas fotos... quem são seus amigos...

CATARINA

Meus amigos estão aqui hoje.

Mariana volta. Traz uma pequena pá de jardinagem. Tempo.

MARIANA

Ele está muito fraco, falando pouco e respirando com dificuldade. Ai... Fiquei agoniada. Me senti impotente. Queria poder fazer alguma coisa, mas o Velho segurou minha mão e me acalmou.

Sons de trovão.

PEDRO

Não foi tão difícil, foi?

MARIANA

Ficou orgulhoso de saber da minha vida acadêmica, que eu publiquei livros e que viajo pelo mundo dando palestras. Ele ouviu atentamente disse que estava feliz por mim. Perguntou se eu tinha tempo de cuidar de mim do meu jardim. Mas eu nem tenho jardim... Naquele momento, me lembrei da minha irmã.

CATARINA

O que aconteceu com a sua irmã?

MARIANA

Não sei se eu já contei pra vocês, mas eu perdi minha mãe quando era bebê e meu pai me deixou pra ser criada com minha tia. Eu fui acolhida por minha família, com menos de um ano! *(Pausa)* Quando minha irmã mais velha ficou gravemente doente e estava pra morrer, eu tomei a decisão de doar meu rim pra ela. *(Pausa)* E olha, não foi uma decisão fácil nem rápida. O processo demorou mais de um ano. No dia da cirurgia acordamos às 5h da manhã. O enfermeiro veio com uma cadeira de rodas e lá fui eu, pelo corredor. Fechei os olhos e senti o frio da madrugada bater no meu rosto.

(*Tempo*) Abri os olhos e me vi na sala de cirurgia. E quando comecei a receber orientações do enfermeiro, apaguei. (*Tempo*) A primeira coisa que quis saber assim que acordei, era se minha irmã estava bem.

CATARINA

E como foi a cirurgia?

MARIANA

Deu tudo certo!

CATARINA

Graças a Deus!

MARIANA

E aos avanços da medicina! (*Tempo*) Mas quando tirei o curativo, levei um susto. O corte era enorme e o aspecto pouco agradável. A médica que cuidava do caso examinou o corte com cuidado e disse pra eu fazer uma tatuagem para cobrir a cicatriz, mas eu disse que não ia fazer. Dá pra acreditar?

CARLOS

Pois é. Tem cada médico sem noção hoje...

MARIANA

É... hoje eu até acho graça, mas naquela época foi uma situação bem esquisita...

Tempo.

PEDRO

Estou muito feliz que vocês estejam aqui hoje, sabia? (*Para Catarina*) Quero conhecer os seus produtos, Nina.

MARINA

É amiga... eu também quero! Quem sabe apresento você para alguns compradores de outros países. Produtos tipo exportação. Interessa?

CATARINA

Claro! Mas será que eu dou conta? Minha produção é pequena...

CARLOS

Eu acho que tem uns caras lá na delegacia que iam curtir um rango natureba!

PEDRO

Eu posso ajudar fotografando os produtos, dando uma força na divulgação on line, essas coisas...

CATARINA

Ai gente, será?!? (*Tempo*)

Sons de trovão. Tempo.

CATARINA

Gente, eu não quero esquecer o quanto está sendo importante esse encontro.

PEDRO

Acho que esse encontro “secreto” precisa se repetir mais vezes...

CATARINA

Nossa próxima reunião poderia ser no bosque, um piquenique junto da pedra.

CARLOS

Ah, não! De novo esse assunto? *(Para Pedro)* Vem cá, fala sério, de onde veio essa história de pedra mágica?!

PEDRO

Lembra quando vocês me desafiaram a entrar na floresta? Era uma manhã de outono. E tinha aquela neblina meio assustadora cobrindo a mata. Parecia que tinha fantasmas entre as árvores...

Inversão de luz.

IV

As crianças veem Carassuja entrar na floresta.

CARASSUJA

Mas Carassuja, que era distraído demais, foi andando pela floresta, subiu numa árvore aqui, outra ali, viu um lagarto enorme e saiu correndo atrás dele...

MARI

Encontrou um bicho cor de folha, que parecia folha, mas era bicho e voou e ele foi atrás, e assim foi se embrenhando pela mata e nem percebeu que as horas se delongavam.

NINA

Depois de um tempo, já pela metade do dia, a névoa dispersou-se em fiapos, e então o sol conseguiu entrar e fez aquela fumaceira toda sumir.

CADU

O calor fez o menino se acabar de nadar no riacho até ficar parecido com um maracujá, e assim ele passou o dia. Lá pelo meio da tarde, as aventuras acabaram e Carassuja descobriu que estava perdido.

CARASSUJA

Quanto mais eu caminhava, mais perdido ficava.

MARI

Agora ele só via pequenas partes do céu e ia se enroscando nas raízes das árvores, sapateando no barro e não conseguia encontrar a saída.

CARASSUJA

Aiii... como você é burro, moleque. Porque você foi aceitar o desafio? Por quê? Agora eles devem estar lá, rindo à toa. Banquei o bobo, isso sim... E agora? *(Muda)* De repente, uma clareira se abriu e então ele viu uma pedra que brilhava muito, mesmo coberta de musgo e barro. Morto de cansaço, Carassuja sentou-se na pedra. Isto é, tentou sentar. *(Muda)* Aiiiiii... tem abelha aqui. *(Esfregando a bunda)* Que azar, outro dia foi o prego e os espinhos, hoje levo picada de abelha. Ué. Não tem abelha. Foi a. *(Muda)* A culpa era da pedra, que queimava feito brasa. Furioso, ele ameaçou um chute. Quando o sapato bateu nela, pegando de raspão, apareceram umas letras pequenas. Apanhou um galho comprido e esfregou a pedra. E quanto mais limpava, mais ela brilhava. Por fim, pôde ler o que estavam inscrito nela.

Carassuja está numa roda com os amigos.

CARASSUJA

E estava escrito bem assim: “Jovem serás, se és velhinho, quebrando-me em pedacinhos”.

CADU, MARI E NINA

“Jovem serás, se és velhinho”?!?

CADU

Isso deve ser da época do vô do meu vô. Coisa mais estranha.

MARI

Estranho é esse negócio de pedra que arde, que brilha. Sei não, Carassuja, acho que você anda assistindo TV demais...

NINA

Acho que você não está batendo muito bem dos pinos, não!!

MARI

E o que você fez? Conta mais!

CADU

Você quebrou ela? Fala logo!!

Carassuja está na floresta.

CARASSUJA

Se quebrou a pedra, o que vai acontecer comigo? *(Pausa)*. Vou voltar a ser um bebê de colo e não saberei nem andar e nem falar. *(Se assusta)* E depois? Vou ter que começar a escola tudo de novo! E os meus amigos já vão ser adultos. Que azar! Encontro uma pedra mágica e ela não me serve para nada! *(Muda)* Nesse mesmo instante, o menino lembrou-se do velho cuidador de pomares, que havia sido bom para ele e era bom para todos os outros ali no bairro. *(Muda)* Quando eu contar pra ele sobre o que eu achei ele vai ficar bem feliz, vai dançar, vai pular de alegria, não vai mais tossir. Vai ficar com as pernas curadas, um rosto sem marcas. *(Muda)* Mas já era tarde e o menino precisava ir embora. E se lembrou que estava perdido. E sentiu frio e medo. Carassuja, olhando com temor para o escuro da mata, pensou: “vou achar a saída, sei que vou, mas... como vou conseguir encontrar a pedra depois?” E no mesmo instante respondeu: “Já sei! Vou deixar o caminho marcado!”

CADU

O menino, que era a esperteza em pessoa, teve a ideia de rasgar a camiseta em tiras bem finas para pendurar nas árvores.

NINA

O frio e o medo eram companhia constante para ele naquele começo de noite. Mas ele seguiu em frente.

CADU

Mesmo no escuro, o menino foi marcando caminho e tentando encontrar a saída. Muitas tiras e muitas árvores depois, ele finalmente conseguiu sair do bosque.

NINA

Respirou aliviado, olhou para o céu, satisfeito da própria proeza. E a lua então iluminou seus passos até sua casa.

Inversão de luz.

V

SALA DE ESPERA, próximo à meia-noite. Sons de chuva continuam.

PEDRO

Curioso lembrar de tudo isso hoje... *(Pausa)* Às vezes, essas memórias vêm, uma atrás da outra, não tenho muito controle.

Sons de trovão. Tempo.

MARIANA

E essa história da pedra, aconteceu mesmo?

PEDRO

A troco de quê eu inventaria isso?

MARIANA

(Sorrindo)

Você era contador de histórias desde pequeno...

PEDRO

Mas foi tudo verdade, eu juro!

CATARINA

Se as coisas que o Pedro contou pra gente fossem só histórias a gente não estaria aqui hoje.

CARLOS

É verdade.

MARIANA

Já pensou, ter a chance de rejuvenescer? Apagar todas as coisas ruins da vida?

CARLOS
E apagar todas as coisas boas também, não é?

MARIANA
Nunca pensei nisso.

PEDRO
É sempre um dilema.

Sons de trovão. Tempo.

MARIANA
Mas que é tentador, é...

PEDRO
Se fosse o caso de apagar alguma coisa do passado, eu queria apagar todo o bullying que eu sofri de vocês...

CARLOS
Eita... teremos um momento “terapia em grupo” agora?

CATARINA
Ah... Pedro... Não exagera...

PEDRO
O que vocês faziam comigo era bullying, sim. Nem vem!! Hoje renderia um processo!
Todos riem.

MARIANA
Ah... sem essa, Pedro! Nós éramos bem democráticos: tinha bullying pra todo mundo!
(Pausa) Mas eu confesso que você era um prato cheio!

Campainha das visitas toca. É a vez de Carlos.

CARLOS
Bom... lá vou eu.

Carlos toma coragem e entra. Tempo.

CATARINA
A gente aqui, falando do passado... mas a vida fez com que cada um seguisse um rumo. *(Tempo)* Eu tenho muito orgulho dos meus amigos bem-sucedidos...

MARIANA
Imagina. Você tem seu próprio negócio. Viveu a experiência de ter uma família, tem uma filha linda... Isso tudo é muito positivo.

CATARINA
É... olhando dessa forma, acho que você tem razão. A gente fica buscando fora o tempo inteiro. Buscando objetivo, buscando a moda, buscando aceitação: tudo que está além da gente.

MARIANA

Buscando salário no fim do mês.

Silêncio.

MARIANA

E quando se esquece de si mesma? (*Tempo*) Onde foi parar aquela menina? Eu às vezes me pergunto. Aquela menina que também queria ter uma família, sonhava em ter filhos...

Sons de trovão. Tempo.

CATARINA

(*Muda*)

Toda vez que vejo a cicatriz eu me lembro. (*Tempo*) Lembro com angústia de tudo aquilo. (*Tempo*) Mas a conversa com o Velho me fez pensar. Meu pai também foi proibido de me ver, depois da separação. E foi amargo pra mim. E eu já tinha me esquecido disso. (*Tempo*) Antes, eu fazia doce porque ele gostava e sempre pedia. Agora, eu faço o tipo de doce que eu gosto de comer. Cada receita tem um pouco de mim.

MARIANA

Em meio a tanto trabalho, tantos compromissos, agenda cheia, burocracias, eu sempre me pergunto: onde foi parar aquela menina? (*Tempo*) Ninguém sabe que eu estou aqui hoje! Ninguém. Esse nosso encontro está sendo uma espécie de folga pra mim, sabiam?

PEDRO

Olha só o que o velho fez...!!!

MARIANA

É curioso... esse encontro com o Velho me fez perceber que, mesmo sem fazer a tatuagem, eu acabei apagando a cicatriz, mergulhada na rotina do trabalho. (*Tempo*) Pois é... Eu esqueci... lembro que na hora disse que não queria, porque aquele momento eu queria lembrar. (*Pausa*) Mas eu esqueci. Eu tinha esquecido o quanto foi importante ter salvado a vida da minha irmã.

CATARINA

Será que o velho chamou a gente de propósito pra provocar essas lembranças?

PEDRO

Ué... vai ver que a Dona Jurema estava certa quando dizia que ele era meio bruxo e que mexia com aquelas coisas de feitiçaria... Quem sabe?

MARIANA

(*Sorrindo*)

Ai, Pedro, menos, né!

Pedro e Catarina se olham, sorriem mas não dizem nada. Carlos volta. Traz um cachimbo na mão.

CARLOS

A gente ficou em silêncio. Depois, desatei a falar do meu sonho de ser policial, da adrenalina, dos riscos, essas coisas. Aí aconteceu um fato curioso. *(Pausa)* Ele perguntou sobre minha família. E me fez lembrar de que, de todos nós, eu fui o primeiro a casar, o primeiro a ter filho e que isso não foi por acaso. *(Tempo)* O Velho até brincou, dizendo que o episódio em que eu fui expulso de casa, tinha ajudado a transformar Cadu em Carlos...

PEDRO

Como assim, expulso de casa?

CARLOS

Eu me casei aos dezenove anos com a Babi, ela estava grávida. Logo que o menino nasceu, passei no concurso na polícia. Ganhei aquela carteira que dá acesso a vários lugares, ônibus de graça, aquelas coisas. Eu menino ainda, me deslumbrei. Eu ia às baladas quase todo dia, chegava tarde em casa.

MARIANA

(Irônica)

E a coitada da Babi não falava nada?

CARLOS

A gente era jovem naquela época, tinha uma vida toda pela frente...

Silêncio.

CARLOS

(Para Mariana)

Mas ela vivia brigando comigo, pegando no meu pé. *(Tempo)* Uma noite, voltei pra casa e, minhas coisas estavam todas do lado de fora. Bati, bati e lá de dentro ela disse que não queria mais me ver, que era pra eu ir embora e coisa e tal.

CATARINA

(Pra si)

Eu faria o mesmo.

CARLOS

(Para Catarina)

Eu não estava fazendo nada de errado! *(Pausa)* Então eu pedi pra ela abrir a janela de vidro da porta e passar a carteira que eu tinha esquecido, pra eu usar o cartão pra pagar a pensão do meu filho.

PEDRO

E deu certo?

CARLOS

Ela abriu uma frestinha na janela, aí eu empurrei com força e o vidro quebrou. *(Mostrando a mão)* Fez um talho bem aqui. Não parava de sair sangue e ela gritando lá dentro, pedindo pra eu ir embora. *(Pausa)* Fui para o Pronto Socorro. Enquanto esperava, sentei do lado de um “elemento” e ele estava todo arranhado, de cima abaixo. Todo arranhado. Uma coisa estranha. Aí eu perguntei para o “indivíduo”, o que

tinha acontecido. E ele disse que foi a mulher dele que fez aquilo num acesso de fúria. Naquele momento, olhei para o corte na mão e pensei: “Saí no lucro!”.

Silêncio.

MARIANA

E o casamento como está? E o seu filho?

CARLOS

Ah... está tudo bem... Tenho dois garotos. O mais velho se formou em engenharia. Está bem encaminhado. O outro tem 15 anos. Só quer saber de jogar futebol e tocar guitarra com os amigos.

MARIANA

Quem será que ele puxou, heim?

CARLOS

E minha mulher está esperando o terceiro. Agora é uma menina!

CATARINA

(Sorrindo)

Que bom, Cadu!!

PEDRO

O Cadu não perde tempo...

CARLOS

(Para Mariana)

E você, não quis ter filho?

MARIANA

Esperei demais e agora... Já estou um pouco velha pra isso!

CATARINA

Se a gente encontrasse a tal pedra, você poderia quebra-la e...

MARIANA

De novo esse assunto? Os alquimistas já tentaram esse milagre, ninguém volta no tempo...

PEDRO

A única maneira de voltar é essa aqui ó *(Aponta para a cabeça)*: a memória. *(Tempo)* Não sei se vocês lembram, mas o motivo que me fez levar o Velho até a pedra naquele dia. *(Tempo)* O meu desejo era que as marcas dele desaparecessem e a pedra era a oportunidade perfeita.

MARIANA

Eu duvido da existência da pedra, mas admito que é uma imagem poética.

CATARINA

(Com carinho para Pedro)

Eu nunca duvidei.

CARLOS

Porque você não levou a gente até a pedra, como fez com o Velho?

PEDRO

Depois que a gente voltou da floresta, foi como se houvesse um pacto selado entre nós, de deixar a pedra onde estava. De nunca mais voltar lá.

Sons de trovão. Tempo.

PEDRO

Mas não foi fácil encarar o Velho e convencer ele a ir comigo até a floresta. Mas vai escutando. A pedra tem relação com tudo isso que estamos falando. Ela seduz a gente a se esquecer das coisas. Todo dia a gente corre o risco de esquecer um pouco. Todo dia. (*Tempo*) Eu também fui seduzido por ela.

CATARINA

Quanto tempo se passou entre uma ida e outra na floresta?

PEDRO

Ah... Foi logo no dia seguinte.

MARIANA

Carassuja se encheu de coragem e foi conversar com o Velho.

CATARINA

Foi convencê-lo a ir com ele até o local onde a pedra estava.
Inversão de luz.

VI

CARASSUJA

O menino encontrou o Velho num dos pomares do bairro, com seu grande chapéu de palha e sua caixa de ferramentas. Trabalhava duro tratando das árvores. (*Pausa*) Desta vez o menino não pulou o muro.

Carassuja bate palmas.

CARASSUJA

Tio... tio... você não sabe... encontrei ... encontrei lá na floresta... depois da aposta... eu tava lá na floresta... perdido ... encontrei... você tem que vir comigo... vem ... vem... é uma pedra... pedra grande... lá na floresta... vem ... marquei o caminho ... é uma pedra mágica... vem... assim você vai sarar...

VELHO:

Calma! Que história é essa de pedra mágica?

CARASSUJA

É isso, isso mesmo! E ela vai servir muito pra você. Se você quebrar a pedra, vai sarar, vai ficar bem...

VELHO:

Sarar do quê, menino?

CARASSUJA

Ah... vai sarar disso tudo, vai ficar menos feio, vai deixar de ser bruxo e. (*Percebe que falou demais*) não, não é isso... você vai sarar, vai ser super legal... é mágica, vamos, vamos logo! Não posso demorar pra chegar em casa. Senão vou ficar de castigo um mês todinho. Você vem, vem?

(*O Velho se levanta e apanha sua maleta de ferramentas*)

CARASSUJA

(*Muda*)

O Velho que parecia um pouco cansado, sorriu com ternura e acompanhou o menino até o bosque. Enquanto caminhava, o Velho parecia perdido em pensamentos.

Os dois vão caminhando.

VELHO:

Não corre tanto menino, que coisa!! Não consigo acompanhar você assim...

CARASSUJA

Mas... mas... tio... a gente precisa chegar... chegar logo... vem, vem...

VELHO:

Você tem que ter paciência comigo, menino... Meu corpo já não acompanha a cabeça... (*Tempo. Observa o menino*) é curioso... às vezes me pergunto o que acontece com as memórias, conforme o tempo passa. (*Pausa*) Sabia que eu não lembro mais dos meus pais?

CARASSUJA

Não? Como assim?

VELHO:

Eu não lembro mais da fisionomia deles, depois de tanto tempo, não consigo recordar o rosto deles, os detalhes físicos, como falavam, não consigo.

CARASSUJA

(*Sério*)

Eu não vou esquecer nunca da minha mãe.

VELHO:

E do seu pai?

Mudança de Luz. Carassuja está em casa com a mãe.

CARASSUJA

Eu era pequeno e um dia o pai não voltou mais pra casa. Naquele dia, veio um monte de gente, parente da mãe, do pai. Aí na escola, alguns dias depois, disseram que meu pai tinha virado estrelinha e quando eu cheguei em casa perguntei pra mãe se era verdade.

MÃE:

Depois que o pai dele faleceu, hoje é a primeira vez que ficamos sozinhos.

CARASSUJA

Mãe, cadê meu pai? (*Tempo*) Quando ele volta, mãe? Quando?

Sons de trovão distantes ao fundo.

MÃE:

“Deus me ajude!” (*Muda*) Vem cá meu filho... olha... seu pai virou estrelinha mesmo. Agora ele está lá no céu.

CARASSUJA

Por quê? Por quê? Quero ele aqui comigo!

MÃE:

Não vai ter jeito, filho. Papai do céu chamou ele pra ficar lá em cima, junto com ele.

CARASSUJA

Mas eu tô com saudade...

MÃE:

“O que eu falo agora?” (*Muda*) Presta atenção, filho. Ele está lá, cuidando da gente. É só olhar pro céu e falar com ele.

CARASSUJA

É mesmo mãe...

MÃE:

Vamos lá fora ver o papai?

CARASSUJA

Vamos! (*Muda*) Aí eu saí correndo pra ver o céu e o céu estava todo nublado.

MÃE:

Já era noite e não tinha uma bendita estrela. Ficamos ali, olhando pro céu procurando uma estrelinha. Eu rezava (*Muda*) “Meus Deus eu só preciso de uma estrela. Uma só.”
Sons de trovão distantes ao fundo.

MÃE:

Nesse momento, achei que tudo estava perdido, já ia me preparando para o pior quando.

CARASSUJA

Mãe, já sei!!! Lembra quando eu brincava de esconde-esconde com o papai? Acho que ele está escondido lá, esperando a gente encontrar ele. Vem mãe, vamos procurar o papai!!!

MÃE:

Olhei pra cara dele, vi aquele sorrisinho de felicidade aparecendo e meu coração ficou mais leve. (*Muda*) E aí, a brincadeira era procurar o pai. Criança brinca e esquece. Ou finge que esquece. Ou melhor, brinca de esquecer. Acho que elas sabem lidar com isso melhor que a gente. (*Sai*)

CARASSUJA

E a gente ficou lá um tempão, brincando de procurar o pai. (*Tempo*) Hoje eu sei o que é morrer. Acho que a mãe não queria que eu sofresse. Mas se ela explicasse... *Mudança de luz. Carassuja e o Velho estão na floresta novamente.*

CARASSUJA

O que aconteceu? Eu disse alguma coisa que não devia?

VELHO:

Não é nada não, menino. A sua história é bonita. Me fez recordar tanta coisa que.

CARASSUJA

Finalmente, depois de um tempo, chegaram à clareira onde havia a pedra que brilhava.

O Velho rodeia a pedra.

CARASSUJA

Tio... quebra logo a pedra! Tá esperando o quê?

O Velho apanha o cachimbo e começa a prepará-lo.

CARASSUJA

(*Para si*)

Mas é claro! Você quer que eu pegue o martelo, eu posso.

VELHO:

(*Cortando*)

Não quero nada. Só preciso de um tempo.

CARASSUJA

(*Muda*)

Encantado com a maior descoberta da sua vida e com a possibilidade de ver o Velho recuperar sua juventude, o menino não entendeu por que alguém tão marcado por cicatrizes se recusaria a quebrar a pedra. (*Muda*) Foi pra isso que eu me perdi nessa floresta? Que eu me queimei? Passei tanto frio e tanto medo? E ainda levei bronca da minha mãe? Pra nada?

O Velho solta uma baforada de fumaça.

VELHO:

Vem aqui, menino. Chega mais perto. Vem, anda. Não precisa ter medo. *(Muda)* Preste atenção. Sou velho, menos velho do que você tenha ouvido falar. Sou manco e estou desfigurado. Eu sei de tudo isso. Mas não pense que sou tonto. Tonto eu não sou.

Outra baforada de fumaça. Sons de trovão distantes no fundo.

CARASSUJA

(Levantando-se)

Hiii... acho que vem chuva aí. A gente precisa ir embora e... e ainda tem a pedra e... eu não posso chegar tarde em casa e.

VELHO:

Calma. A chuva ainda está longe. Deixa eu contar uma coisa. *(Tempo)* Eu morei numa cidade grande antes de vir pra cá. Isso foi há muito tempo. As coisas não eram fáceis naquela época. A gente não tinha liberdade de falar tudo o que pensava. Não tinha liberdade de ir e vir. Tudo era assim, meio controlado. *(Tempo)* Eu queria mudar isso e me envolvi com política. Conheci pessoas que pensavam parecido comigo e seguimos em frente.

CARASSUJA

Eu tenho três amigos, tio: o Cadu, a Nina e a Mari. Eles pensam meio parecido comigo e a gente tá sempre junto tentando, tentando. *(Pausa)* Bom... a gente tá sempre junto e isso é bem legal.

Velho sorri.

Você tem amigos?

VELHO:

É... eu tinha, mas eles foram presos e sumiram. Ninguém nunca mais soube deles.

CARASSUJA

Sumiram? Como assim? Como é que alguém some?

VELHO:

Vou contar pra você como eles sumiam. *(Tempo)* Eu também fui preso, sabia? *(Tempo)* Eu me lembro como se fosse hoje.

Carassuja está numa roda com os amigos.

CARASSUJA

(Para Nina e Mari)

Algumas cadeias tinham porões. E as celas eram bem pequenas. Tinha um lugar que era chamado de geladeira ou caixinha de música, alguma coisa assim.

NINA

Espera aí. Tinha caixinha de música lá dentro?

CARASSUJA

O Velho disse que era parecido com o frigorífico do açougue do seu Itamar. Só que tinha uma turbina de avião dentro, fazendo bastante barulho.

MARI

Nossa, ele deve ter ficado surdo, né?

Carassuja está na floresta.

VELHO:

Esse problema de pulmão que eu tenho foi por causa do frigorífico.

Carassuja está numa roda com os amigos.

CARASSUJA

Tinha outro lugar: a sala roxa. Eles usavam uma luz dessa cor, meio parecida com as luzes do salão de dança lá da praça central, só que ficavam piscando o tempo todo.

NINA

Isso deve deixar a gente meio tonto, meio abobado...

Carassuja está na floresta.

VELHO:

E eles eram persistentes: faziam questão de perguntar e perguntar e perguntar, para que eu confessasse. Mas eu não disse nada. *(Pausa)* Então eles me levaram para um negócio assim *(Mostra com o gesto)* que eles chamam de “pau de arara”. Lá recebi um monte de choque, nos pés e na cabeça.

Carassuja está numa roda com os amigos.

MARI

Credo! Eu já levei choque e não foi nada bom...

NINA

Ai... que tenso!!! Coitado!!!

CARASSUJA

E tem mais... ele disse que aqueles homens, davam uns tapas na orelha e umas pancadas na cabeça e.

MARI

(Interrompendo)

Isso é meio parecido com as brincadeiras que rolam na escola, não é?

NINA

É... telefone sem fio, cola brinco, cuecão, essas coisas...

CARASSUJA

Ah... e eles ficavam berrando um monte de coisas.

NINA

(Imitando um torturador)

Conta direito essa história senão eu te dou um cascudo!!

MARI

(Imitando outro torturador)

Larga de ser burro!!!

NINA

Tá com medo, né cagão?!?

MARI

Fala um número de um a dez!!!

CARASSUJA *(Imitando a vítima)* Seis! Seis!! *(Muda)* Aí eles paravam, jogavam um balde de água assim bem gelada nele e aí começavam tudo de novo, água gelada e choque, pancadas na cabeça e tapas na orelha.

MARI

Minha professora de História disse que até hoje tem gente que não acredita que isso aconteceu. Acham que é tudo invenção. E que essas coisas de tortura continuam acontecendo.

NINA

E os homens que machucaram ele?

CARASSUJA

Um daqueles caras que machucaram o Velho, virou político. Deputado.

MARI

Minha nossa! É o fim do mundo.

NINA

(Com tristeza)

Por isso ele nunca fala com ninguém...

MARI

Será que foi assim que os amigos dele sumiram?

Mari e Nina saem.

Carassuja está na floresta.

CARASSUJA

(Para o Velho)

Você ficou num lugar desses?

VELHO:

Foram alguns meses, mas consegui fugir. Só que eu quebrei a perna em três lugares quando fui pular o muro da prisão.

CARASSUJA

Ah... tio, eui também tenho um machucado na perna... quando eu pulei o muro pra pegar a bola e... Dói quando você anda? E esse machucado no seu rosto?

VELHO:

Estas cicatrizes, não vem de um acidente. E estes dentes não caíram sozinhos, sabia? Foram arrancados à força. Há outras marcas que você não consegue ver. Ninguém consegue.

Aumentam os sons de trovão ao fundo

Bom... Está na hora. *(Pausa)* Como você se chama, menino?

CARASSUJA

Meu nome é Pedro Henrique, mas meus amigos me chamam de Carassuja.

VELHO:

(Limpa o cachimbo, volta a guardá-lo)

Você é um menino esperto, sabia? Mas ainda é um menino. Um dia você vai compreender. *(Pausa. Se levanta)* Espero que você se lembre de mim quando ficar mais velho.

CARASSUJA

Não...eu não vou ficar velho, nem morrer, nunca. *(Olha para a pedra)* e você... você devia quebrar a pedra, assim ia poder brincar pra sempre comigo.

VELHO:

Carassuja, se quebro a pedra, estas cicatrizes somem. E elas são meus documentos de identidade. Todos os dias eu me olho no espelho e digo: "*Esse sou eu*", e não sinto pena de mim. Sabe por quê? Eu lutei durante muito tempo e a luta pela liberdade nunca acaba. Ainda hoje, há gente lutando como eu lutei. Se quebro a pedra eu cometo uma traição.

O Velho e o menino se olham e não dizem nada. Sons de trovoadas ao fundo.

VELHO:

Precisamos ir.

(Velho se levanta, pega a maleta e entrega ao menino)

Como se sai desse lugar?

Carassuja dá a mão para o Velho e caminham juntos.

CARASSUJA

(Muda)

Depois, ainda em silêncio, através do bosque, encontraram a saída. Foram de mãos dadas. O menino sentia que a mão quente do Velho também aquecia a sua mão.

Carlos sai. Pedro fica sozinho em cena. Inversão de luz.

Epílogo

SALA DE ESPERA, início da manhã. Não há mais sons de chuva.

Pedro senta-se novamente, olha de tempos em tempos para o mostrador de senha.

Coloca os objetos que estavam dentro das malas na mesinha de centro. A campainha das visitas soa. Pedro olha, mas não se levanta. Depois de um tempo, coloca a maleta também na mesinha de centro e entra.

Cena vazia. A campainha das visitas soa novamente.

Tempo. Um tempo razoável.

Luz vai caindo em resistência. Fica só o foco nos objetos que estão sobre a mesa de centro. Luz cai em resistência. Blackout.

Todos los derechos reservados.

Buenos Aires (2025)

Si usted está interesado en poner en escena este texto rogamos comunicarse con su autor/a:

wallacepuosso.2020@gmail.com

Centro Latinoamericano de Creación e Investigación Teatral CELCIT

Buenos Aires. Argentina.

www.celcit.org.ar

correo@celcit.org.ar

Asociación de Teatristas independientes para niños/as y adolescentes- ATINA

(ASSITEJ Argentina)

Web del centro <https://infoatina.wixsite.com/atina>

Contacto del centro: infoatina@gmail.com

Red Iberoamericana de Artes Escénicas para la Infancia y la Juventud de ASSITEJ

www.rediberoamericana.assitej.net

rediberoamericana@gmail.com

«Piense antes de imprimir. Ahorrar papel es cuidar el medio ambiente»